

# A REFORMA

ORGÃO DEMOCRATICO

Resumende libertati tempus  
TACTO. Ann.

ASSIGNATURAS  
PROVINCIAS  
Por anno . . . . . 248000  
Por nove mezes . . . . . 188000  
Por seis mezes . . . . . 128000  
Por tres mezes . . . . . 68000  
A assignatura paga-se adiantada; póde començar em qualquer dia, mas termina sempre no fim de julho, outubro, janeiro e abril.  
Anuncios a 60 rs. a linha  
Numero avulso 200 rs.  
GUARDA-SE O DOMINGO NAS NOSSAS OFFICINAS

ASSIGNATURAS  
CÓRTE E NICTHEROY  
Por anno . . . . . 208000  
Por nove mezes . . . . . 158000  
Por seis mezes . . . . . 108000  
Por tres mezes . . . . . 58000  
A assignatura paga-se adiantada; póde començar em qualquer dia, mas termina sempre no fim de julho, outubro, janeiro e abril.  
ESCRITORIO  
148 RUA DO OUVIDOR 148  
NÃO SE ADMITTEM TESTAS DE FERRO

ANNO II

Rio de Janeiro.—Quarta-feira 18 de maio de 1870

N. 110

## A REFORMA

RIO, 18 DE MAIO DE 1870.

### A emancipação e o ministerio.

Em tão pouca conta é tido entre nós o espirito publico, que depois de um debate pomposamente anunciado sobre questão de grande transcendencia, em que a imprensa européa já nos communicou a opinião do imperador e do principe consorte da herdeira da coroa, tres dias tem decorrido sem que a folha da camara temporaria se haja apressado a publicar as opiniões emitidas n'esse recinto! A convicção de que o governo é tudo e os partidos cousa nenhuma, talvez tenha influido para esse facto extraordinario, acreditando o *Journal do Commercio* que basta ao Brazil e ao mundo civilizado conhecer como pensa sobre aquella questão o Sr. visconde de Itaborahy, chefe do gabinete. Se ao menos o illustre presidente do conselho houvesse enunciado um pensamento qualquer sobre o assumpto, ou esse pensamento fosse inspirado pelo programma dos seccionistas americanos de manter eternamente a escravidão, ou fosse pautado pelos conselhos do Sr. barão de S. Lourenço de affrouxar a resistencia, poderia dizer-se que S. Ex. dirige o seu partido em um sentido qualquer. Mas o nobre visconde, embora tivesse a principio desejo de fazer da escravidão um dogma conservador, quando a quiz vincular á constituição do imperio, declarou todavia que o gabinete nada promoveria sobre o elemento servil, não porque tivesse opinião assentada, mas porque em dous annos de existencia ministerial não poderia colher dado algum para esclarecer-se.

E tão exacto é este resumo do pensamento ministerial, que o nobre visconde terminou appellando para as luzes d'aquelles que se achassem mais esclarecidos e pedindo-lhes que propuzessem o que entendessem conveniente.

O honrado presidente do conselho encontrou-se em uma situação difficil diante da camara. Presidentes, seus delegados, haviam sancionado leis auxiliaadoras da emancipação, e d'este modo aceitado uma parte do programma da opinião liberal. Mais do que isso: um

general em chefe do nosso exercito no Paraguay, o qual, segundo as declarações do Sr. ministro da guerra, sempre obrava de accordo com o governo, tinha usado de seu merecido prestigio para abolir a escravidão em territorios limitrophes do Brazil.

Ou o Sr. visconde de Itaborahy seria obrigado a condemnar agora aquelles seus delegados e a deixar entrever que os não cohibira em tempo, porque não tinha poderes tão amplos; ou não poderia, sem vexame para a camara, tolher-lhe a liberdade que fôra deixada aos agentes do ministerio.

Entre esses espinhos, o de chefe da administração sem força coercitiva, ou o de chefe de partido para d'elle receber e não dar-lhe o impulso, o nobre visconde optou pelo segundo. Talvez seja o menos indecoroso para o gabinete; mas em verdade é o mais fatal para o partido conservador, porque o deixa sem unidade de vistas e exposto a aceitar, sob a sua responsabilidade, planos traçados no desembaraço da irresponsabilidade.

O ponto de vista do illustrado ex-ministro da justiça, embora nos resultados contrario ás nossas idéas, pareceu-nos mais seguro do que o do Sr. Itaborahy. O Sr. Alencar não quer a ingerencia do governo n'esta questão, porque espera vê-la resolvida pela nação sem que se lhe roube a gloria que d'aí lhe ha de provir. Alem de estabelecer um programma definido, esta opinião tem o quer que seja de nobre que seduz á primeira vista. Mas o Sr. visconde de Itaborahy, que tem concorrido, por medidas suas ou por seu apoio decidido, para que a nossa legislação seja sempre de tutela e desconfiança, quebrantaria o seu caracter de homem serio apregoando repentinamente a sua confiança no bom senso da iniciativa popular. Para S. Ex., a abstenção do governo equivale ao adiamento ou condemnação de qualquer idéa.

Assim, pois, da interpegação do Sr. Teixeira Junior não se colheu outro resultado senão ficar sabendo o paiz e ficarem sabendo os possuidores de escravos que o ministerio não tem por ora idéa alguma por falta de esclarecimentos, mas que não recusa a seus amigos a competencia para iniciarem o que lhes aprouver!

O que a lavoura pedia sobretudo era

uma solução clara; o governo lhe deu um enigma. O que o partido conservador desejava era um exame consciencioso da questão e um complexo de vistas praticas, moderadas e justas: o governo confessou que nenhum estudo fizera e desertou da frente de seu partido para collocar-se entre a bagagem.

Fazê-lo inteira justiça ao partido conservador. A questão, de que se trata, não é d'este ou d'aquelle partido, nem póde ser resolvida por leis de partido. É uma questão grave, que a ninguém póde ser indifferente.

Nenhuma intelligencia é por de mais, todas devem ser chamadas a combater vãos terrores, a serenar os interesses que receiam ser prejudicados, a dar em fim á emancipação o caracter de um accordo nacional por bem de todos, sem sacrificio que não seja repartido por toda a communhão brasileira.

Mas deixar a questão no terreno das exagerações, deixar o paiz dividido em sulistas e nortistas, deixar o emancipador sonhar utopias e o senhor de escravos desesperar da acção benéfica que proviria de um plano prudente assentado entre os partidos, é provocar tempestades que podem ser conjuradas e sacrificar a causa da nação por preconceitos ridiculos ou por falta de capacidade politica.

Tambem permitta-nos o Sr. Teixeira Junior uma observação. O seu discurso pareceu-nos mais proprio de um partidista exagerado do que de um sincero conservador, como o reconhecemos, com desejo de obter uma solução razoavel. A que vinha todo esse azedume retrospectivo contra o gabinete de 3 de agosto? S. Ex. o accusa de ter suscitado uma questão que tem posto em abalo a nação e trouxe incerteza e pânico ás transacções e á propriedade agricola. Entretanto, nem sob o ponto de vista criminal, nem sob o ponto de vista economico, as asserções do Sr. Teixeira Junior encontram apoio nos factos! Que abalo e que perigos foram esses, quando o Sr. ministro da fazenda nos acaba de asseverar que a fortuna publica se expandiu apesar da guerra e que o paiz goza de grande prosperidade?

Tudo o preambulo terrorista do discurso do illustre deputado, a não ser um ramalhete de goivos murchos para ser atirado por motejo sobre a campa

de seus adversarios, devia aconselhar-o a exigir do governo uma abstenção completa. Entretanto S. Ex. reconhece que a imprudencia do ministerio de 3 de agosto foi acolhida pela nação, a ponto de já causar-lhe susto a iniciativa que ella vai tomando!

F. OCTAVIANO.

### A interpegação de 14 do corrente

Não sabemos a que attribuir a resposta do Sr. presidente do conselho á interpegação feita a S. Ex. pelo Sr. deputado Teixeira Junior sobre o pensamento do governo a respeito da gravissima questão do elemento servil. Não sabemos se devamos attribuir essa resposta á inopia de idéas do gabinete em relação a este importantissimo assumpto, ou se foi ella inspirada pelo mais solemne desprezo da opinião nacional. A interpegação do Sr. deputado Teixeira Junior girou sobre quatro pontos principaes:

1.º Qual o pensamento do gabinete sobre as medidas a tomarem-se para que a abolição do elemento servil, manifestamente reclamada pela opinião publica, se realice sem abalo para a propriedade, e sem perigo de ficar estancada a nossa principal fonte de receita—a agricultura.

2.º Se, conhecida como é, a opinião da vontade irresponsavel a respeito d'este assumpto, não se tendo conformado com ella a recente falla do throno, foi o ministerio quem sobrepujou a vontade irresponsavel, ou, pelo contrario foi essa vontade quem mudou de opinião.

3.º Se, como asseverou o *Diario de Julho*, orgão conservador redigido pelo Sr. ex-ministro da justiça, é exacto que desde a organização do actual gabinete em 16 de julho de 1868, ficou assentado, que nenhuma medida seria empregada no intuito de ser resolvida esta gravissima questão.

4.º Finalmente, se é de combinação com o gabinete, que os delegados do governo nas provincias tem sancionado e executado resoluções das assembléas provinciais, consignando verbas á manumissão de captivos; e bem assim, se foi com previo accordo do mesmo gabinete que o ex-general em chefe das forças brasileiras no Paraguay dirigiu-se ao governo provisório d'aquella

republica, interessando-se para que fosse alli decretada a abolição da escravidão.

O Sr. Itaborahy, erguendo-se tomado de um visível embaraço, limitou-se a responder ao primeiro ponto da interpegação; mas fel-o de um modo tão inhabil, tão contraditorio e tão vacillante, que sorprendeu a todos os que ainda confiavam nos seus talentos governativos.

S. Ex. principiou dizendo, que são raros, muito raros, os brasileiros, que não desejam ver extinta entre nós a escravidão. E para justificar este seu aserto, que não precisava de justificação, porque está na consciencia de todos, S. Ex. socorreu-se a um sedico logar commum — os principios do christianismo e os dogmas da civilização moderna.

Mas disse, que essa questão entende com direitos preexistentes á constituição do imperio e com interesses de ordem muito elevada; que não se deve alluir de chofre a base em que ha mais de tres seculos se acha assentada a associação brasileira; que faltam ao governo dados estatisticos e a convicção de qual seja a genuina vontade nacional; e que, finalmente, o gabinete actual nada fará.

Não esperavamos, por certo, ouvir em questão de tanta magnitude essas palavras proferidas por um estadista, que os seus co-religionarios apregoam habilitado para salvar as finanças, não só do Brazil, mas de qualquer das maiores nações do mundo.

Até o presente S. Ex. só tem revelado aptidão para expedientes muito communs, ou para medidas illegaes e ruinosas; e sempre que os acontecimentos lhe deparam algum problema de mais complicada solução, S. Ex. sente embaraço, sente enleio, e a sua sciencia financeira só lhe suggere um recurso — a inercia.

O Sr. presidente do conselho diz que não se deve alluir de chofre a base em que ha mais de tres seculos se acha assentada a associação brasileira.

Tambem ninguém o pediu, e S. Ex. construiu um castello sobre arca para ter a satisfação de derribal-o.

Mas entre andar aos saltos, o que S. Ex. muito receia, e ficar inteiramente estacionario, o Sr. Itaborahy deve reco-

## FOLHETIM

RIO, 18 DE MAIO DE 1870

CONÇALVES DIAS  
(CANTO ELEGÍACO.)

I

Que fado o teu, Gonçalves!... que desdita!...  
Aí! quantas agonias  
Vieram conturbar-te a mente afflicta  
Nos dorridos dias,  
Quando no meio das tormentas bravas  
O teu formoso espirito exhalava!...

Qual alyeon dormido sobre o ninho  
Das vagas balouçando,  
A's vagas entregaste — tão sosinho  
O teu corpo alquebrado,  
E vinhas ver, atravessando os mares,  
Pela ultima vez teus patrios lares.

Cruel doença as fontes te seceava  
Da debil existencia,  
E já quasi do vaso se entornava  
Essa immortal essencia,  
O sopro, que dos labios de Deus sahe,  
E que, quando lhe apraz, a si retrahia.

Ah! que saudade, que palpito ancioso  
No peito lhe offegava,  
Quando pelo horizonte nebuloso  
As praias lobrigava  
Da doce patria, e os coqueiros viciosos,  
Que de longe acovavam-lhe saudosos.

Já da vida, que esvai-se, o extremo alento  
No peito lhe bateja;  
Mas á luz da esperança ainda um momento  
Sua alma se espantava,  
Que já lhe trazem viragoes fagueiras  
Os aromas da terra das palmeiras.

Eil-a! — do occaso lá na linha extrema,  
A patria; eil-a acolá!...  
E os palmares, por onde vaga a ema,  
E canta o sabiá!  
Eil-a, a formosa terra dos amores,  
Ninho vicioso de verdura e flores.

Ah! não permitta o céo que elle succumba  
Sem ver a patria amada!  
Possa elle vê-la, embora encontre a tumba  
Sob seus pés cavada;  
Ver a patria, e morrer beijando a terra,  
Que os ossos de seus pais no seio encerra.

Aí! uma hora, ó Deus! uma só hora  
Deixa-o ainda viver;  
Deixa-o na doce patria, por quem chora,  
Entre os seus ir morrer,  
Não perega tão junto aos lares seus,  
Sem poder lhes dizer o extremo adeus!

II

Mas da borrasca as nuncias temerosas,  
Densas nuvens, se estendem pelos céos,  
E o mar levanta em vagas alterosas  
Medonhos oscarcéos.

Das ondas e dos ventos combatido,  
Qual bravo corcé,  
Que ás redeas arrebeita de insoffrido,  
O tropido batel  
Ora do firmamento segue o rumo,  
Ora aos abyssos quasi desce a prumo.

Por entre os estertores da borrasca  
O navio aos bolcos estala e range;  
O medonho tufo, que os mastros lasea,  
Os mais valentes corações contrange.  
Bem perto em furia o mar allí rebenta  
Entre as pontas de horribos abrolhos,  
E da morte a figura macilenta  
Do nauta surge aos olhos.

Mas Gonçalves não ouve a orchestra irada,  
Em que convulsa a natureza arqueja;  
Já sobre sua fronte laureada  
Da morte o sereno adeja.  
A doença e o oceano turbulento,  
A nobre, infeliz victimia disputam,  
E para lhe arrancar o extremo alento  
Como á porfia lutam.

E enquanto fóra o furacão estruge  
E quebra no lenho o mastro esclavrado,  
Emquanto em torno o mar refreio e rugie,  
Mostrando no nauta o abyssino escancarado,  
No estreito camarim  
O fóra de si o burlo sente,  
Que o destino inclemente  
Dos dias seus está marcando o fim;  
E entre as scenas horribas, que o compungem,  
Sosinho, abandonado, o illustre vate  
De duns mortos, que de perto o pungem  
Soffre o tremendo embate.

Contra o furor insano da tormenta  
Lubuta em vão o socobrado esquife;  
Já nos parcos cabarria, e emfim rebenta  
Nas pontas do Recife;

E navio e poeta o abyssmo torto  
N'um só momento os engolia d'um sorvo.

Entre os roneos medonhos da procella,  
Liberta já da morbida prisão,  
Vôou no céo aquella alma tão bella  
Nas azas do tufo.

Da tempestade o brado pavoroso  
Foi seu hymno de morte;  
O oceano o sepulchro glorioso,  
Que deparou-lhe a sorte.

Sobre elle estende o pego tormentoso  
Mortalha d'alva espuma;  
E assina do vate o fado lastimoso  
Na terra se consuma.

E a vaga, que o tragou no bojo horrendo,  
Estroando nas bronhas pedregas,  
Vem na praia murmurar gemendo:  
— Morreu Gonçalves Dias!

III

E tão perto, — na extrema do horizonte  
A patria lhe sorria;  
E para lhe adornar a inclita fronte  
Novos laurais tecia.

Ella anciosa o soffrega esperava,  
E ás vagas do oceano perguntava  
Por seu filho querido;  
E no meio do horrisono bramido  
Das ondas irritadas,  
Aos vivos das rajadas  
Estas sentidas vozes exhalava:

« Onde te foste, filho muito amado?...  
Ah! porque deixas o teu patrio ninho,  
E a longas terras vais affadigado,  
Tão fraco, tão sosinho,  
Longo dos lares teus buscar descanso  
Que só podes achar no teu remanso?»

Saudoso sabiá d'estas florestas,  
Que nas sombras tranquillas te aninhavas,  
E nas ardentes séstas  
Com teus lindos gorgeios me embalavas,  
Saudoso sabiá, porque fugiste?  
Porque voaste alem?

Porque deixaste tão sosinho e triste,  
Quem tanto te quer bem? ..

Porque deixaste, filho aventureiro,  
De tua mãe o tepido ragaço,  
Para entregar ao pégo traçoiro  
O teu porvir escasso,  
Troando a paz serena de teus lares  
Pelo balcojo perennal dos mares?

Temerario alyeon, que d'estas plagas  
Mudaste o ninho em hora de bonança,  
Porque conlhas ás traíloras vagas  
Tua ultima esperança?

Vem, que te aguardo aqui saudosa, inquieta,  
Corre, corre a meu seio;  
Vem, não mais te demores, meu poeta,  
Que mata-me o receio,  
Cruel receio, de não verte mais,  
Nem mais ouvir teus cantos immortaes.

Vem pendurar á sombra da palmeira  
Inda uma vez a tua errante inen;  
E enquanto d'alva praia pela beira  
Ferve e ronea a ressaca,  
Emquanto a brisa tepida farfalha  
No topo dos coqueiros,  
E pelos ares mansamente espalha  
Aromas lisongeiros,  
Canta ainda uma vez essas cantigas,  
Que fazem recordar éras antigas.

Suae allivio no teu padecimento  
Só podes encontrar no seio meu;  
Ao teu peito alquebrado dar alento  
Quem pode senão eu?

Ainda aqui meciavam as palmeiras  
Seus tremulos coqueiros;  
E as viciosas, floridas lançoas;  
Suave aroma espalhando pelos ares,  
A luz d'estes formosos horizontes,

O echo d'estas fontes  
Ainda te farão seismar de amores,  
E da lyra extrahir aquelles hymnos  
Doces, enleadoras,  
Quaes só sabem cantar chãos divinos,  
D'estes vergeis entre as virentes comas,  
Onde pernoia a primavera brilha,  
Alentarei teu peito com aromas  
De jumbo e de baunilha,  
E para acalantar teus soffrimentos,  
Saudoso sabiá,  
A' tardinha com languidos accentos  
Teu somno embalará.

Mas ah! se não me é dado ver-te mais,  
Nem mais ouvir teu canto;  
Se mais não podes escutar meus ais,  
Nem enchugar meu pranto,  
Aí se já sobre a terra está mareado  
O termo de teu giro,  
Vem ao menos soltar, oh! filho amado,  
No seio meu teu ultimo suspiro.

IV

Elle entre-ouvira estas doridas vozes  
No meio das borrascas,  
N'alma e corpo a soffrer dores atrozes  
Da agonía nas vascas.  
E ao rebentar de vagalhão medonho,  
Aos solavancos doidos da procella,  
Entre escarcéos de espuma,  
Como em miragem de affrontoso sonho  
Da patria lhe sorria a imagem bella  
Envolta em negra bruma.

Elle a escutava, n'esse transe extremo,  
A má, que em ais rompendo o seio terno  
Mal pôde solgar o adeus supremo  
Ao filho, que se vai a exilio eterno.

E o bardo illustra... oh! Deus! que fatal sorte!  
Que sina desastrosa!  
Dentro do si e fóra via a morte  
Erguer-se para elle dupliada;  
Uma o mirrado coração gelava,  
A outra a fronte angusta lhe esmagava.

Estrella errante, no seu triste giro  
No oceano apagou-se entre as borrascas;  
Ninguém lhe ouviu o ultimo suspiro  
Da agonía nas vascas.

Nenhum jazigo os restos seus consome  
Na terra de seus paes;  
Do grande vate só nos resta o nome,  
E os cantos immortaes.

Nem uma cruz á beira do caminho,  
Nem uma cova em polbr cemiterio  
Lhe permittiu o fado seu mesquinho  
Por esse vasto imperio,  
Quas glorias cantou na lyra d'ouro,  
E a quem legou de glorias um thesouro.

A patria pede um monumento ao vate,  
Que tanto a distinguu,  
— E seus brados no peito do rebelde  
Do povo, que os ouviu;

Uma pedra se quer, que diga á historia,  
Que diga aos estrangeiros:  
— Este padrião ergueo-nos á memoria  
Do primeiro dos vates brasileiros.  
Mas aqui seu cadaver não repousa  
Está vasia esta singela lousa.

O céo e o oceano  
— Imagens do infinito, reclamavam  
E para si guardavam  
Os despojos do vate americano.  
Do firmamento aos páramos formosos  
Um nos rebou sua alma para Deos,  
Outro lá nos abyssos temerosos  
Esconde os restos seus.

Mas se a terra seus ossos não consome  
Teve em partilha a gloria de seu nome.

Mas oh! vergonha! oh! crime!  
Gloria, genio, infortunio, nada vale  
Ao poeta sublime!  
Pede o pejo e o decoro, que se cale  
Tão foia ingratiado.

Mas ah! não posso; não; que a meu despeito  
Nos labios ferve a voz do coração,  
E rompe-me do peito magoado  
Da indignação o brado.

Esses, que ás patrias glorias refractarios  
De um nobre povo crim-se mandatarios,  
Nogam uma homenagem  
A quem já vive na posteridade,  
A quem tem por prego a eternidade,  
E o mundo por meagem.

Ah! registre o Brazil em seus annaes  
Mais este exemplo novo!  
Falsos depositarios de honras  
Da vontade do povo  
N'estes nefectos, miserandos dias,  
Um simples preito ao genio recusaram,  
Ao monumento de Gonçalves Dias  
Uma pedra negaram.

Eis os cantos, que d'alma me fugiram  
No seio de meu crmo.  
Quando um dia á idéa me ceudaram  
O triste fado, o desastroso termo  
Do sabiá das terras brasileiras,  
Do cantor mavioso das palmeiras.

Accita agora estes singelos cantos,  
Filhos do coração;  
Foram d'alma exhalados entre prantos  
Em minha solidão.

Mas dá-lhes azas; faze com que corran  
As mais remotas plagas;  
E não permittas que affogos no marrom  
Pelas do olvido somnoletas vagas.

Oh! d'estas broncas serras,  
Onde nascera, vem presuroso  
E vão morrer debaixo, surpresos  
Do Maranhão pelas formozas terras,  
Bem do bardo illustre,  
Que ás patrias lettras dá tamanho lustre.

BENJAMIN GUMARAS

Quero-Fructo, outubro de 1850.